

# SÍNDROME DE DISFUNÇÃO COGNITIVA CANINA

KRUG, Fernanda Dagmar Martins; SAPIN, Carolina da Fonseca; PIÑEIRO, Martha Bravo Cruz; PASINI, Talita Souza; NOBRE, Marcia de Oliveira

Palavras-chave: disfunção cognitiva; questionários; enriquecimento ambiental.

## Introdução

A expectativa de vida canina tem aumentado comparadas as outras décadas, devido à melhora na medicina veterinária como em nutrição, diagnóstico, tratamento e por maior cuidado por parte dos tutores. Assim, aumentou a possibilidade e os riscos do desenvolvimento de alterações degenerativas decorrentes do envelhecimento desses animais (ROSADO et al., 2012). Com isso, há maior prevalência de alterações cognitivas, caracterizada por aparecimento de manifestações comportamentais como perdas sensorial, de mobilidade, diminuição da resposta a estímulos, maior irritabilidade e agressividade ou déficit na capacidade de aprendizagem e memorização do animal como Síndrome da Disfunção Cognitiva Canina (SDDC) (PINEDA et al., 2014). Muitas vezes os sinais dessa síndrome são normais de envelhecimento para os tutores, dessa forma omitem essas alterações comportamentais aos médicos veterinários (BENNET, 2012). Esta revisão tem como objetivo informar sobre essa síndrome e, conseqüentemente, proporcionar uma melhor qualidade de vida aos cães com avanço da idade.

## Revisão

A síndrome da disfunção cognitiva canina (SDDC) é caracterizada por um declínio progressivo na função cognitiva do animal, o que resulta em déficits de aprendizagem, memória e de percepção espacial e alterações nos padrões de sono e interação social (PINEDA et al., 2014). As manifestações comportamentais dessa síndrome caracterizam-se por distúrbios no ciclo sono-vigília, alterações nos ciclos de interação social com outros cães e com seus tutores, desorientações perdendo-se em locais familiares, alterações comportamentais de aprendizagem, como urinar/defecar em locais inapropriados, ansiedade de separação, agressão às pessoas e vocalização excessiva (MARTINEZ, 2014). A SDDC acomete principalmente animais idosos a partir de sete anos de idade, tornando-se mais evidente com o avanço da idade (PINEDA et al., 2014; MARTINEZ, 2014). Além disso, aparentemente é mais prevalente em fêmeas e animais castrados (AZKONA et al., 2009).

A apresentação clínica e histopatológica da SDDC assemelha-se a doença de Alzheimer em humanos. O diagnóstico definitivo desta síndrome só é confirmando *post-mortem* (PINEDA et al., 2014). Desta forma, busca-se um diagnóstico clínico da SDDC através da exclusão de outras enfermidades que alterem o comportamento de cães geriátricos (BENNET, 2012). Logo, é realizada anamnese detalhada analisando sinais clínicos característicos (MARTINEZ, 2014).

Questionários que contenham perguntas direcionadas ao comportamento do cão idoso e que possam ser utilizados na rotina clínica são fundamentais para se identificar precocemente os primeiros sinais clínicos (CORY, 2013). Classificando o grau de DCC a partir do escore obtido com as repostas do questionário em cães com envelhecimento normal, cães comprometimento cognitivo moderado (*borderline*) e cães com comprometimento cognitivo grave (SDDC) (CORY, 2013; FAST et al., 2013). Posteriormente a esta avaliação deve-se fazer a avaliação cognitiva deste com auxílio de testes de reatividade (MARTINEZ, 2014). Podem auxiliar na identificação da síndrome, tanto na fase inicial como na mais avançada, pois avaliam a locomoção, comportamento e interação social dos animais, através dos testes de *open field*, curiosidade, interação com humanos e espelho (MARTINEZ, 2014).

O tratamento ideal para a SDDC deve incluir terapia medicamentosa, nutricional e enriquecimento ambiental, uma vez que, possuem efeito sinérgicos melhorando os resultados (PINEDA et al., 2014). Apenas com o manejo e o enriquecimento ambiental já pode influenciar no bem-estar de um cão com SDDC. O tratamento reduz a progressão da disfunção cognitiva proporcionando um ambiente enriquecido e uma vida ativa ao animal, promovendo atividades que requeiram exercício físico, resolução de problemas, interações sociais e que estimulem a sua memória (CORY, 2013). Assim, as estimulações mentais e cognitivas devem ser motivadas de forma gradual, pois um ambiente enriquecido aumenta a capacidade mental de cães com SDDC (PINEDA et al., 2014).

Também, os tutores devem ser informados que mesmo pequenas alterações na rotina diária dos animais podem ter um grande impacto num cão com SDDC, não se podendo fazer mudanças drásticas na rotina desse animal. Estes animais apresentam uma grande sensibilidade à mudança e capacidade reduzida de adaptação, que se pode expressar num aumento da ansiedade (FAST et al., 2013).

### Considerações finais

Com os avanços em medicina veterinária e a formação de uma família interespecie é necessário o tratamento precoce de doenças relacionadas à idade. O subdiagnóstico de cães com SDDC exerce um grande impacto na vida, não só dos animais geriátricos, como também na dos tutores. Assim, os protocolos de diagnóstico clínico servem para melhorar a qualidade de vida do animal, diagnosticando precocemente e possibilitando um tratamento medicamentoso e de cuidados para interferir e minimizar o processo de degeneração da função cognitiva.

### Referências Bibliográficas:

AZKONA, G.; GARCÍA-BELENQUER, S.; CHACÓN, G.; ROSADO, B.; LEÓN, M.; PALACIO, J. Prevalence and risk factors of behavioral changes associated

with age-related cognitive impairment in geriatric dogs. **Journal of Small Animal Practice**, v.50, n.2, p. 87-91, 2009.

BENNETT, S. Cognitive dysfunction in dogs: Pathologic neurodegeneration or just growing older?. **The Veterinary Journal**, v. 194, n. 2, p. 141-142, 2012.

CORY, J. Identification and management of cognitive decline in companion animals and the comparisons with Alzheimer disease. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research**, v. 8, n.4, p. 291-301, 2013.

FAST, R.; SCHÜTT, T.; TOFT, N.; MOLLER, A.; BERENDT, A. N. D. M. An Observational Study with Long-Term Follow-Up of Canine Cognitive Dysfunction: Clinical Characteristics, Survival, and Risk Factors. **Journal of Veterinary Internal Medicine**. v. 27, n.4, p. 822-829, 2013.

MARTINEZ, A. G. Estudio del Síndrome de Disfunción Cognitiva en el perro. 2014. 151f. Memoria (Doctor en Veterinaria) - Faculdade de Veterinária, Universidade de Santiago de Compostela, Lugo – Espanha, 2014.

PINEDA, S.; OLIVARES, A.; MAS, B.; IBAÑEZ, M. Cognitive dysfunction syndrome: updated behavioral and clinical evaluations as a tool to evaluate the well-being of aging dogs. **Arch Med Vet**. v. 46, p. 1-12, 2014.

ROSADO, B.; GONZÁLEZ- MARTÍNEZ, Á.; PESINI, P.; GARCÍA-BELENQUER, S.; PALACIO, J.; VILLEGAS, A.; SUÁREZ, M.L.; SANTAMARINA, G.; SARASA, M. Effect of age and severity of cognitive dysfunction on spontaneous activity in pet dogs – Part 1: Locomotor and exploratory behaviour. **The Veterinary Journal**. v.194, n.2, p 188-195, 2012.